

MERLEAU-PONTY: O FILÓSOFO, O CORPO E O MUNDO DE TODA A GENTE!

Terezinha Petrucia da Nóbrega

Doutora em Educação

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Departamento de Educação Física

Grupo Corpo e Cultura de Movimento.

Programa de Pós-Graduação em Educação.

RESUMO

Nesse ensaio, apresento a particularidade da filosofia e a noção do corpo como sensível exemplar na obra de Merleau-Ponty como possibilidade de compreensão do conhecimento na educação e na educação física. As notas contextualizam o autor e sua obra, destacando a sua formação filosófica e os principais conceitos; sua atuação como professor na Sorbonne e as reflexões sobre o conhecimento da criança, a linguagem, o corpo; sua atuação no Collège de France e a morte repentina aos cinquenta e três anos. Apresento também uma reflexão sobre o conhecimento sensível e a estesia do corpo.

PALAVRAS- CHAVE: corpo, fenomenologia, estesia

ABSTRACT

In this essay, I present the particularity of the philosophy and the notion of the body as sensible unit in the Merleau-Ponty works as possibility of understanding of the knowledge in the education and the physical education. The notes make context the author and his workmanship, detaching his philosophical formation and the main concepts; his performance as professor in the Sorbonne and the reflections on the knowledge of the child, the language, the body; his performance in the Collège de France and the sudden death to the fifty three years. I also present a reflection on the sensible knowledge and the aesthesia of the body.

RESUMEN

En este análisis, presento la particularidad de la filosofía y de entender del cuerpo como sensible ejemplar en la obra de Merleau-Ponty como posibilidad de comprensión del conocimiento en la educación y en la educación física. Las notas hacen contexto con el autor y su obra, destacando su formación filosófica y los conceptos principales; su actuación como profesor en la *Sorbonne* y las reflexiones sobre el conocimiento del niño, el lenguaje, el cuerpo; Su actuación en el *Collège de France* y la muerte repentina a los cincuenta y tres años. Presento también una reflexión en el conocimiento sensible y el estesia del cuerpo.

PALABRAS CLAVES: cuerpo, fenomenología, estesia

A PARTICULARIDADE DA FILOSOFIA

La particularité du philosophe n'est ici que de pratiquer plus strictement le même principe, car il n'a pas, comme l'écrivain, le droit de s'installer dans la

vie intérieure. C'est le monde de tout le monde qu'il prétend penser
(MERLEAU-PONTY, 2000, p. 287)¹

Considero Merleau-Ponty um pensador central para compreender a filosofia do século XX e particularmente para compreender os estudos do corpo e sua relação com a ciência, com a arte e com a educação física. Nesse ensaio, procuro nuançar as fronteiras entre as áreas de conhecimento e o engajamento de Merleau-Ponty no diálogo da filosofia com *o mundo de toda a gente*. Expressão que se refere à necessidade da filosofia dialogar com a cultura, com a experiência vivida, com a história e com as produções do conhecimento como a ciência e a arte. Merleau-Ponty irá insistir na abertura da filosofia à vida, à ciência, à historicidade, à subjetividade e à cultura. Em seu pensamento, o corpo é pleno de subjetividade e encontra-se recortado pela historicidade, sendo essa condição corpórea que se desdobra em decisões teóricas e práticas da vida e do conhecimento.

O *corpo como sensível exemplar*, posto que é feito da mesma matéria do mundo, permite-nos essa imersão, além da delicada e surpreendente tarefa de imprimir sentidos aos acontecimentos, ao mesmo tempo que nos coloca a difícil e necessária tarefa de escolher e de tomar decisões. "A cada instante também eu fantasio acerca das coisas, imagino objetos ou pessoas cuja presença aqui não é incompatível com o contexto e todavia eles não se misturam ao mundo, eles estão adiante do mundo, no teatro do imaginário"(MERLEAU-PONTY, 1994, p. 6). É a realidade do corpo que nos permite sentir e, portanto perceber o mundo, os objetos, as pessoas. É a realidade do corpo que nos permite imaginar, sonhar, desejar, pensar, narrar, conhecer, escolher.

Para compreender o sentido da subjetividade em Merleau-Ponty precisamos compreender também a noção de liberdade, posto que o mundo existe independente de nossas formulações individuais sobre os fatos, os acontecimentos, as situações. Mas, sob um segundo aspecto o mundo não está inteiramente constituído, depende de nossas ações individuais e coletivas. Para Merleau-Ponty a liberdade é sempre o encontro do nosso ser interior com o exterior e as escolhas que fazemos têm sempre lugar sobre as situações dadas e possibilidades abertas. Somos, ao mesmo tempo, uma estrutura psicológica e histórica, um entrelaçamento do tempo natural, do tempo afetivo e do tempo histórico.

O sentido das nossas escolhas contribui para a subjetividade. Os gostos pessoais, as preferências, as rejeições, os desejos, vão sendo configurados por meio dessa estrutura subjetiva na qual correlacionamos o tempo, o corpo, o mundo, as coisas e os outros. O campo da subjetividade encontra-se recortado pela historicidade, pelos objetos da cultura, pelas relações sociais, tensões, contradições, paradoxos, afetos. Dessa maneira, a leitura de um livro, a apreciação de uma obra de arte, o discurso de um determinado político, filósofo ou cientista, a paixão por alguém, todas essas experiências mobilizam sentidos que foram construídos nesse campo subjetivo. Espero abrir o espaço para o diálogo, em especial por estarmos às vésperas de comemorar o centenário de nascimento de Merleau-Ponty, sendo oportuna essa tarefa de sistematização e de avaliação da inserção do seu pensamento na cultura contemporânea e nos estudos sobre o corpo e sobre a educação física.

Nota I

¹ A particularidade do filósofo aqui é somente praticar mais estritamente o mesmo princípio [referindo-se à relação entre a vida e a filosofia], pois ele não tem, como o escritor, o direito de se instalar na vida interior. É o mundo de toda a gente que ele pretende pensar (tradução da autora).

Maurice Merleau-Ponty nasceu no dia 14 de março de 1908, na França. Seu pai foi morto durante uma batalha da I Guerra mundial, em 1914. Foi educado por sua mãe, vivendo em companhia de uma irmã e um irmão mais velho. Apesar da perda do pai Merleau-Ponty parece ter tido uma infância feliz, como observamos quando se refere a sua doce contingência natal em algumas passagens da *Fenomenologia da Percepção*. Ao escrever àquela que é considerada sua principal obra, aos trinta e sete anos, Merleau-Ponty reafirma a sua ligação com a infância, com sua história de vida, com a própria compreensão de história como uma visão sobre o tempo. Diz o filósofo:

É no presente que compreendo os meus vinte e cinco primeiros anos como uma infância prolongada que devia ser seguida por uma servidão difícil, para chegar, enfim, à autonomia. Se me reporto a esses anos, tais como os vivi e os trago em mim, sua felicidade recusa-se a deixar-se explicar pela atmosfera protegida do ambiente familiar, é o mundo que era mais belo, as coisas que eram mais atraentes, e nunca posso estar seguro de compreender o meu passado melhor do que ele se compreende a si mesmo quando o vivi, nem fazer calar seu protesto. A interpretação que lhe dou está ligada à minha confiança na psicanálise; amanhã, com mais experiência e mais clarividência, talvez eu a compreenda de outra maneira e, conseqüentemente, construa de outra maneira o meu passado (IDEM, p.463).

Em sua fenomenologia Merleau-Ponty compreende a reflexão e a existência como presença do ser no mundo, cuja expressividade o corpo possibilita e inaugura. As dimensões do cogito, da temporalidade e da liberdade são vistas como possibilidades do ser no mundo, expressões existenciais do sujeito encarnado. A temporalidade dá acesso à subjetividade. A temporalidade possui uma linha transversal que forma uma rede de intencionalidades, haja vista que o tempo supõe uma visão sobre o tempo. O tempo é a maneira como o ser humano temporaliza o seu próprio ser e, por extensão, o ser dos outros. O tempo é a forma como projetamos nossas experiências, nossa relação com os outros. Nesse movimento, o sujeito e o mundo vão projetando sentidos.

Em 1926 entrou para a *Escola Normal Superior*, com 18 anos, onde conheceu Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Claude Lévi-Strauss e outros estudantes que já àquela época questionavam a filosofia ensinada na Universidade e nos liceus, cujos cursos abordavam somente até Kant. Reconheciam a importância do filósofo alemão, mas queriam que a filosofia tratasse dos problemas e questões de sua época, tais como: novas descobertas da psicologia e da psicanálise; a iminência da guerra, da luta de classes; o movimento impressionista e o surrealismo no campo da arte. Enfim, que a filosofia se preocupasse com a existência humana. Esse movimento causou grande impacto na intelectualidade francesa, sobretudo por pensar a condição humana em seu meio natural, cultural e histórico, como ser-no-mundo, mas do que como essência ou como ser ideal, como fazia a chamada filosofia da consciência, inaugurada por Descartes e estabelecida com Kant (MERLEAU-PONTY, 1994).

Esse grupo é influenciado pela fenomenologia de Husserl, sobretudo pela possibilidade de se refletir sobre a vida cotidiana. Sartre conta que se encantou com as notícias trazidas da Alemanha por Raymond Aron, segundo as quais era possível promover um lampião à gás à dignidade de objeto filosófico. A aproximação de Merleau-Ponty com a fenomenologia de Husserl, ocorreu por intermédio da Gestalt e dos trabalhos de Khol, Koffka, Wheithemer, Gelb, Goldenstein, como apresenta na estrutura do Comportamento. Merleau-Ponty, diz Sartre, fez com que abandonássemos o lampião para deslocar a reflexão para o homem que o acendia. O que os homens fazem, pensam, o que falam, suas dores e alegrias, seus desejos, é o

que interessava a Merleau-Ponty (SARTRE, 1985). Buscar os sentidos, as intenções e a reaprender a ver o mundo, é o que comporá seu método de investigação filosófica. Se não fosse filósofo poderia ter sido antropólogo, como o amigo Lévi-Strauss. E o foi, de certa maneira, pois dizia que o filósofo deveria pensar o mundo de toda a gente (MERLEAU-PONTY, 2000²).

Simone de Beauvoir comenta que Merleau-Ponty tinha um profundo respeito pelas idéias e que demonstrava rigor com as palavras, expressando-se por meio de atitudes comedidas e muitas vezes demasiadamente cerebrais, embora fosse extremamente gentil e sereno. Sempre reservado, sabia se posicionar de modo elegante. Mesmo em férias, dedicava, diariamente, duas a três horas ao estudo, leituras e anotações para os Cursos e para os livros. Como professor, influenciou uma geração de novos alunos, alguns deles mais tarde tornaram-se grandes pensadores, tais como Le Breton, Pontalis, Foucault, entre outros. Em suas memórias, a autora nos conta o envolvimento afetivo de Merleau-Ponty com Elisabeth, Zazá. O romance não deu certo, por proibição dos pais da moça que ameaçaram o jovem Merleau-Ponty de tornar público o envolvimento de sua mãe com um professor Universitário em *La Rochelle*. Para não prejudicar a reputação de sua mãe e comprometer o casamento da irmã, ele afasta-se de Zazá. A jovem adoece e com transtornos psiquiátricos é internada em uma clínica, onde morre. Posteriormente casa-se com Suzanne e tem uma filha, Marianne (BEAUVOIR, 2000)³.

Entre 1942 e 1945 publica duas importantes obras: *A Estrutura do comportamento e Fenomenologia da Percepção*⁴, ambas voltadas para a reflexão sobre o corpo e a consciência. Em 1949 assume a cadeira de Psicologia e Pedagogia na *Sorbonne*, sendo substituído por Piaget, em 1952, ao assumir a Cátedra de Filosofia no *Collège de France*. Destaca-se a polêmica entre os que defendiam a postura fenomenológica e os que defendiam a epistemologia genética. "Piaget conta com humor ter lido em uma das provas, quando do primeiro exame que aplicou aos alunos de Merleau-Ponty, a seguinte frase: Piaget não entendeu nada como provou o professor Merleau-Ponty", referindo-se as críticas aos estágios do pensamento propostos por Piaget (COELHO JR. & CARMO, 1991, p.81). Distante dessa polêmica, Merleau-Ponty preparava-se para sua eleição no *Collège de France*. Na nota II, detalharemos a compreensão fenomenológica da lógica da criança e as críticas de Merleau-Ponty à psicologia genética.

Merleau-Ponty viveu a Segunda Guerra Mundial e a ocupação da França pelos alemães. Junto com Sartre e outros intelectuais franceses fez parte da Resistência, em um grupo criado por eles chamado *Socialismo e Liberdade*. Essa atividade política irá contribuir para suas reflexões sobre a história, a política e a dialética. Com o fim da Guerra, em 1945, funda com Sartre a revista *Les Temps Moderns* (Tempos Modernos), da qual será o editor político até 1952. É uma época de vigor do pensamento marxista, escreve vários artigos, posteriormente publicados em *Humanismo e Terror* (1947) e *As aventuras da Dialética* (1955)⁵, nos quais crítica a ortodoxia marxista e marca suas divergências políticas com Sartre. Nestes escritos, tece considerações sobre as interpretações mecanicistas do marxismo que afetam a compreensão da dialética, dos movimentos revolucionários e da História. Merleau-

² Entrevista concedida a jornalista Madeleine Chapsal em 17 de fevereiro de 1958.

³ A publicação francesa é de 1958, portanto antes da morte de Merleau-Ponty.

⁴ Essas obras podem ser encontradas em língua portuguesa, nas publicações da Editora Martins Fontes de 1994 e de 2006, respectivamente.

⁵ Essas obras podem ser encontradas em língua portuguesa, nas publicações da Editora Tempo Brasileiro, 1968 e Martins Fontes, 2006; respectivamente.

Ponty viveu intensamente a sua época e, mesmo tendo participado do movimento da Resistência Francesa e do Partido Comunista, irá se despedir de certa concepção dialética que se cristalizou ao perseguir uma síntese totalizadora, recusando a dimensão da historicidade, da concretude, do cotidiano e até mesmo do sonho como perspectivas de horizontes para a filosofia, para a política e para a própria existência.

Seguramente as relações entre Sartre e Merleau-Ponty mereceriam uma nota específica, pois a aproximação e o desentendimento entre ambos foram motivos de textos escritos pelos filósofos, cartas, telefonemas e encontros (SARTRE, 1985; 2005; MERLEAU-PONTY, 2000). No número especial da revista *Tempos Modernos*, dedicada a Merleau-Ponty, publicada em outubro de 1961, quatro meses após a sua morte, Sartre faz uma revisão de sua relação com o amigo e com o filósofo Merleau-Ponty. Nesse escrito, Sartre retoma aspectos da obra de Merleau-Ponty, de sua recusa em continuar como editor político da Revista, em clara oposição aos rumos do partido comunista. Escreve também sobre a amizade de ambos, rompida de fato apenas com a morte do amigo. "Quantos amigos que ainda vivem eu perdi (...). Entretanto, ele jamais me perdeu, foi preciso que ele morresse para que eu o perdesse" (SARTRE, 2005, p. 141).

Sobre o desentendimento entre ambos, Sartre diz que tentaram ser fiel a si mesmo e a ou outro, mas que de fato sempre houve diferenças. No começo divertiam-se com as diferenças, mas por volta dos anos de 1950 o clima político provocou desentendimentos mais sérios, resultando no afastamento de Merleau-Ponty da revista e mesmo do convívio com Sartre, embora tivessem se encontrado ou se falado algumas vezes por telefone, como na ocasião da morte de sua mãe; ocasião de profundo pesar para Merleau-Ponty e mesmo de uma despedida de suas doces lembranças da infância, como comenta Sartre. Mesmo com o afastamento entre ambos, por ocasião da morte de Merleau-Ponty, Sartre reafirma o afeto e o respeito pelo amigo e pelo filósofo que, para ele, continuava e continuaria sempre muito vivo.

Nota II

Nos cursos ministrados na Sorbonne Merleau-Ponty ocupa-se, entre outras questões, do debate sobre a consciência e sobre a linguagem infantil, refletindo a respeito da posição da pedagogia em relação as disciplinas científicas, em particular com a psicologia. Nesses cursos, dialoga com vários autores, em especial com Piaget e Wallon, mas também com os estudos sócio-culturais de Lévi-Strauss, Margareth Mead, Marcel Mauss, com a psicanálise de Freud e de Lacan, com a fenomenologia de Husserl e de Sartre.

Apresenta uma crítica ao pensamento de Piaget e ao modo como este percebe a lógica da criança, discutindo outras possibilidades de compreensão da infância. Embora reconheça a contribuição dos estudos de Piaget, em especial sua observação das crianças, Merleau-Ponty faz uma crítica a psicologia genética e sua influência na educação, destacando que nessas áreas a criança vista pelo adulto, transforma-se em objeto de conhecimento, havendo a necessidade de subverter essa lógica, considerando a história, os afetos, os fenômenos da linguagem e da comunicação (MERLEAU-PONTY, 2006)⁶.

Para Piaget, até cerca de sete anos, a linguagem é auto-expressão e não comunicação por conta da linguagem egocêntrica, sendo a ecolalia uma de suas manifestações. Como em um jogo, a criança repete as palavras e com essa repetição ela amplia sua conduta, sente prazer em exercitar a linguagem com manifestação da vida imaginária. Para a fenomenologia

⁶ Esses cursos mereceram duas publicações em língua portuguesa: pela Editora Papirus em 1990, em dois volumes e pela Editora Martins Fontes, 2006.

esse aspecto da linguagem da criança não é um problema ou uma forma menor de expressão. Piaget considera essa fase como negativa, a ser superada por formas lógicas, não reconhecendo que o fenômeno também está presente na linguagem do adulto, na poesia por exemplo, posto que a passagem para uma linguagem objetiva também pode ser considerada como empobrecimento (MERLEAU-PONTY, 2006).

Já o olhar da pedagogia encontra-se subordinado à psicologia e à moral, sendo necessário considerar a história, posto que "a criança é o que nós acreditamos que ela é, reflexo do que queremos que ela seja. Somente a história pode fazer-nos sentir até que ponto somos os criadores da mentalidade infantil. Ela nos mostra as variações concomitantes e nos faz sentir, por exemplo, que as relações de repressão com a criança, que acreditamos fundadas numa necessidade biológica, são na realidade expressão de certa concepção da intra-subjetividade" (IDEM, p. 85). Concordando com o pensamento de Merleau-Ponty, reafirmamos a necessidade de incluir também na pedagogia as discussões da psicanálise sobre a lógica da criança e suas formas de expressão; o reconhecimento da arte e do imaginário na formação do pensamento; bem como, as questões históricas sobre a compreensão de criança e de infância⁷.

Para Merleau-Ponty "a criança não é um adulto em miniatura, com uma consciência semelhante à do adulto, porém inacabada, imperfeita - essa idéia é puramente negativa. A criança possui outro equilíbrio, e é preciso tratar a consciência infantil como um fenômeno positivo" (IDEM, p. 165). Nesse sentido, para além do formalismo, precisamos considerar o jogo, o sonho, a imitação, o imaginário, a afetividade nas práticas educativas. Piaget procura compreender as concepções da criança, traduzindo-as para o seu sistema de adulto, baseado na lógica formal. Para Merleau-Ponty, precisamos abster-se desse vocabulário e desses conceitos do mundo adulto. Nesse sentido, irá se aproximar do pensamento de Wallon, da história, da psicanálise, da arte moderna e contemporânea.

Merleau-Ponty também reflete sobre a interpretação de Luquet sobre o desenho infantil e suas fases: realismo fortuito, realismo intelectual, realismo visual. Há nessa interpretação uma contradição ao afirmar que a criança desenha segundo um modelo interior e por outro lado que seu desenho não tem esquematismo nem idealismo. Essa descrição negativa está suspensa no postulado da constância, cujo modelo seria a fotografia, pela proximidade com o real. Luquet e Piaget substituem o mundo visto pela criança pelas categorias do adulto, segundo uma perspectiva realista e geométrica. O mundo da criança é afetivo, sendo o desenho expressão do seu mundo e não uma simples cópia. Para o filósofo do corpo, o jogo, a imitação e o sonho são fenômenos importantes considerados por Freud, Piaget e Sartre a serem recuperados pela fenomenologia da infância, superando-se as concepções atomistas dos dois primeiros⁸ (IDEM).

Essas considerações sobre o processo de conhecimento das crianças é significativa para a educação, em vários sentidos, tais como: a necessidade de não se considerar a criança como um conceito universal, compreendendo sua história de vida e de sua família; a necessidade de se valorizar a lógica da criança, sem considerá-la como sendo incompleta; a necessidade de se considerar o imaginário como um fenômeno inerente ao processo de conhecimento; a

⁷ Conforme ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

⁸ A concepção de corpo em Freud ainda está vinculada a dos médicos do século XIX e, como tal, é um prolongamento da filosofia mecanicista do corpo. No entanto, ao empenhar-se em demonstrar que não há um centro espiritual e uma periferia de automatismos, Freud irá mostrar o significado psicológico do corpo, a sua lógica secreta ou latente (MERLEAU-PONTY, 1991; 1994)

necessidade de se considerar o conhecimento do corpo como condição de aprendizagem; a necessidade de se compreender e valorizar a comunicação, a fala e as demais expressões das crianças; a necessidade de se considerar a autonomia da pedagogia em relação às disciplinas científicas, ao mesmo tempo em que se coloca a necessidade de abertura da reflexão pedagógica para as experiências vividas das crianças e para as dinâmicas do conhecimento contemporâneo, da vida social e da cultura.

Nota III

Em 15 de janeiro de 1952, Merleau-Ponty pronuncia no *Collège de France* sua aula inaugural intitulada *O elogio da filosofia*, cujo texto foi publicado em 1953. Neste ensaio, diz que o que caracteriza o filósofo é o movimento que leva incessantemente do saber à ignorância, da ignorância ao saber e certo repouso neste movimento, anunciado um novo estilo de exercer o ofício da filosofia: como movimento na história (MERLEAU-PONTY, 1993).

Por ocasião da eleição de Merleau-Ponty para o *Collège de France*, a *Académie des Sciences Morales* inverteu a ordem dos eleitos e definiu o segundo colocado como titular, o mesmo ocorreu com a eleição de Foucault, em 1969. Em casos de conflito como estes, o Ministério da Educação é o fiel da balança e tradicionalmente define-se em favor da posição dos membros do *Collège*, como aconteceu com Merleau-Ponty e com Foucault (LÉVI-STRAUSS, 2005).

Merleau-Ponty teve uma atuação decisiva na eleição de Lévi-Strauss para o *Collège de France*, ao escrever o memorial para a criação de uma cátedra sobre antropologia social, lido por ele na Assembléia dos professores, em 1958. "Não apenas apresentou, como sacrificou três meses de uma vida cujo fio ia romper-se muito brevemente (...). Merleau-Ponty empenhou-se muito, fez visitas, escreveu cartas, tão bem que não houve proposta de criação da cadeira em oposição à dele (LÉVI-STRAUSS, 2005, p. 93)⁹. Nesse conjunto de entrevistas, Lévi-Strauss fala de sua aproximação com Merleau-Ponty e dos acontecimentos no dia de sua aula inaugural.

Merleau-Ponty não gostava de ser lembrado que nós tínhamos nascido no mesmo ano - 1908. Achava que eu parecia mais velho do que ele, o que era verdade. Via-se envelhecer em mim. Aliás, e apesar da generosidade que provou ter para comigo, ele mal disfarçava o medo de ter chocado um ovo de pato. Achava-me capaz das mais extravagantes invenções (...) Merleau-Ponty espreitava a reação dos que tinham me sido mais hostis. Disse-me depois que tínhamos ganho a partida (IDEM, p. 95).

O texto escrito por Merleau-Ponty em defesa da cadeira de antropologia social foi posteriormente publicado em *Signos*, com o título *De Mauss à Claude Lévi-Strauss*. Neste escrito destaca as relações entre o homem e a sociedade como relações que não estão fora da natureza nem da biologia, rompendo-se com a antítese da natureza e da cultura. Reconhece ainda o trabalho da antropologia em reexaminar um importante conjunto de fatos da cultura e da vida social; bem como o que a subversão da antítese natureza e cultura significa em termos de ganhos e perdas, considerando os acontecimentos da cultura não como universais, mas como possibilidades históricas. No diálogo com as ciências sociais, Merleau-Ponty discute o que da antropologia interessa ao filósofo referindo-se ao fato de se considerar o homem como ele é, em sua situação efetiva de vida e de conhecimento; ao mesmo tempo que reflete sobre

⁹ Entrevista concedida a Didier Eribon

que tipo de filósofo se interessaria por essas questões. Nas palavras do autor: "O filósofo a que ela interessa não é aquele que quer explicar ou construir o mundo, mas o que procura aprofundar nossa inserção no ser"(MERLEAU-PONTY, 1991, p.133). Mais uma vez podemos perceber a compreensão de Merleau-Ponty sobre uma filosofia e um pensamento que não se separa da vida e dos acontecimentos.

Em 1961, é publicado o ensaio *O olho e o espírito*¹⁰, considerado como um ensaio estético, um exame sobre a pintura e sobre o sensível como modo de conhecimento. Através de relatos de alunos seus no *Collège de France* sabe-se que Merleau-Ponty era apaixonado pela pintura. Segundo Pontalis ele sempre buscou novas formas de pensar e interrogava até o mínimo gesto, o menor detalhe de uma sensação ou de uma imagem. Era um homem de nuances, de fronteiras, de ligações. Talvez por isso tenha elegido o corpo como tema privilegiado de sua filosofia (CARMO, 2002).

Merleau-Ponty morre repentinamente, no dia 3 de maio de 1961, aos 53 anos, acometido por trombose coronária. Em 1964, é publicado sob os cuidados de Claude Lefort, *O visível e o invisível*, obra inacabada. As anotações de *O visível e o invisível* contém o afastamento de Merleau-Ponty de uma filosofia da consciência e o investimento em uma filosofia da carne, do ser selvagem e do corpo apanhado na experiência sensível (MERLEAU-PONTY, 1992).

As notas de *O Visível e o Invisível* contém o projeto de Merleau-Ponty para aprofundar e ampliar as idéias contidas em suas primeiras obras, enfatizando a subjetividade encarnada e reconhecendo a impossibilidade de manter o ponto de vista da consciência. O seu projeto é enfatizar o sentido do corpo e do sensível como realidade essencial do humano. Essa trajetória de Merleau-Ponty não é marcada por uma primeira fase de adesão à filosofia da consciência e uma outra fase de definição da ontologia do sensível, sem comunicação entre ambas. Desde os primeiros trabalhos já se delinea a corporeidade como realidade ontológica, sendo inegável a relação do corpo com o sensível.

É importante compreender o que significa essa ruptura com a filosofia da consciência em Merleau-Ponty e as possíveis contribuições para as investigações contemporâneas do ser humano e de suas mais diversas produções, colocando em cena o ser selvagem, o corpo e alguns desdobramentos epistemológicos possíveis por considerar uma reflexão corporificada, expressa na cinestesia, na estesia e na reversibilidade dos sentidos. A experiência do corpo configura um conhecimento sensível sobre o mundo expresso, emblematicamente, pela estesia dos gestos, das relações amorosas, dos afetos, da palavra dita e da linguagem poética, entre outras possibilidades da experiência existencial. A estesia é uma comunicação marcada pelos sentidos que a sensorialidade e a historicidade criam, numa síntese sempre provisória, numa dialética existencial que move um corpo humano em direção a outro.

Pela estesia do corpo é possível compreender a experiência vivida em suas múltiplas significações. A percepção das cores é um exemplo significativo da estesia colocada por Merleau-Ponty. "A apreensão das significações se faz pelo corpo: aprender a ver as coisas é adquirir um certo estilo de visão, um novo uso do corpo próprio, é enriquecer e reorganizar o esquema corporal"(MERLEAU-PONTY, 1994, p. 212).

¹⁰ Esse texto foi publicado no Brasil pela Editora Cosac & Naify, 2004. Na publicação encontramos também dois ensaios: *A linguagem indireta e as vozes do silêncio* e *A dúvida de Cézanne*. Há outros textos estéticos como *A dúvida de Cézanne* que pode ser lido em língua portuguesa na Coleção Os pensadores, publicada pela Editora Abril Cultural, 1975 ou na publicação da Cosac & Naify, 2004.

Como a estesia se realiza? A apreciação de uma obra de Cézanne, como a que vemos no quadro *Madame Cézanne em sua poltrona vermelha*, ou mesmo de um poema, de um romance, enfim a experiência da obra de arte em geral produz significações mais amplas que a definem como um poema, um romance ou uma pintura. A obra de arte também se constitui como um suplemento de sentido, formulado a partir da experiência vivida e é essa modulação existencial que torna a narrativa ou o quadro significativos para nós. A experiência da obra de arte, proposta por Merleau-Ponty, realça a procura por novas formas de compreender o mundo, indo além do racionalismo. Sobre a expressão do mundo, afirma o nosso filósofo: "é preciso que ela seja poesia, isto é, que desperte e reconvoque por inteiro o nosso puro poder de expressar, para além das coisas já ditas ou já vistas (MERLEAU-PONTY, 1991a, p. 53). Essa estesia do corpo provoca a reflexão e expõe o limite das análises abstratas sobre o corpo e sobre o mundo. Nesse movimento de compreensão, a afetividade coloca-se como um elemento dramático da existência e da operação expressiva da comunicação.

A estesia do corpo proposta na fenomenologia de Merleau-Ponty apoia-se em uma compreensão erótica da vida e do conhecimento que ultrapassa as dicotomias clássicas e o racionalismo. A percepção erótica irá permitir falar de uma significação distinta da significação racionalista, uma forma de compreensão da relação corpo-mundo não da ordem do *eu penso*, à maneira do cogito cartesiano, mas do eu vivo, eu sinto, eu amo.

Essa compreensão do corpo apoia-se na tese do sensível, pois o *corpo como sensível exemplar* é feito do mesmo estofado do mundo. A carne, o verbo, o desejo, a linguagem, a história se entrelaçam e constituem o visível e o invisível do corpo. O corpo é outro gênero de ser, paradoxal, pois encontra-se na ordem das coisas, sem o sê-lo. A originalidade não está na antinomia, mas no cruzamento, nas dobras que envolvem o acontecimento. A animação do corpo não está no inventário das partes, nem na encarnação de um espírito, como pólos opostos, mas na reversibilidade entre sujeito e objeto, corpo e mente. O corpo em Merleau-Ponty é mais bem expresso pela noção de carne.

A carne não é matéria no sentido de corpúsculos de ser que se adicionariam ou se continuariam para formar os seres. O visível (as coisas com o meu corpo) também não é não sei que material psíquico que seria, só Deus sabe como, levado ao ser por coisas que existem como fato e agem sobre meu corpo de fato. De modo geral, ele não é nem soma de fatos materiais ou espirituais ... A carne não é matéria, não é espírito, não é substância. Seria preciso, para designá-la, o velho termo elemento, no sentido em que era empregado para falar-se da água, do ar, da terra e do fogo, isto é, no sentido de uma coisa geral, meio caminho entre o indivíduo espaço-temporal e a idéia, espécie de princípio encarnado que importa um estilo de ser em todos os lugares onde se encontra uma parcela sua. (MERLEAU-PONTY, 1992, p. 135, 136).

Essa compreensão do corpo com carne alarga a compreensão do corpo como objeto, *parte-extra-partes*, para incluir as dimensões do símbolo, do desejo, da linguagem, sendo fundamental para a compreensão da ontologia do ser selvagem proposta por Merleau-Ponty: o ser da indivisão, cuja natureza é sensível.

Em várias de suas obras, por exemplo em *A Prosa do Mundo* e nas conferências que proferiu na Rede Nacional Francesa, no final de 1948, o filósofo realça a possibilidade de diálogo das formas de conhecimento científico e filosófico com a arte, pois os objetos da arte detêm o olhar colocando-lhe questões (MERLEAU-PONTY, 2002; 2004). A filosofia como

maneira de reaprender a ver o mundo e o mundo de toda a gente, assim como a educação têm na arte e na cultura em geral, possibilidades inusitadas de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. **Memórias de uma moça bem-comportada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000
- CARMO, P. S. **Merleau-Ponty**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2002
- COELHO JUNIOR, N. & CARMO, P. S. **Merleau-Ponty**: filosofia como corpo e existência. São Paulo: Escuta, 1991
- LÉVI-STRAUSS, C. & ERIBON, D. **De perto e de longe**. São Paulo: Cosac & Naify, 2005
- MERLEAU-PONTY, M. **Humanismo e terror: ensaio sobre o problema comunista**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968
- _____. **O Homem e a comunicação: a prosa do mundo**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1974
- _____. **A Estrutura do comportamento**. Belo Horizonte: Interlivros, 1975
- _____. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1975
- _____. **Merleau-Ponty na Sorbonne**: resumo de cursos - Filosofia e Linguagem. Campinas: Papirus, 1990
- _____. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991
- _____. **O Visível e o Invisível**. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992
- _____. **Elogio da Filosofia**. Lisboa: Guimarães Editores, 1993
- _____. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994
- _____. **O Olho e o Espírito**. 2ª ed. Lisboa: Vega, 1997
- _____. **Parcours deux (1951-1961)**. Paris: Verdier, 2000
- _____. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002
- _____. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004
- _____. **Conversas - 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- _____. **Psicologia e pedagogia da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2006
- _____. **A Estrutura do comportamento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006
- _____. **As aventuras da dialética**. São Paulo: Martins Fontes, 2006
- SARTRE, J.-P. Un inédit sur Merleau-Ponty. **Revue Internationale de Philosophie**, Paris, n.152, 1985
- _____. **Situations philosophiques**. Paris: Gallimard, 2005

Endereço: R. José Mauro Vasconcelos, 1915, bloco D. apto 204, capim Macio, Natal/RN CEP 59082-210. E-mail: pnobrega@ufrnet.br

Forma de apresentação: comunicação oral. GTT Epistemologia